

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

NA ENCRUZILHADA DOS CONFLITOS: UM ESTUDO DAS LUTAS DE REPRESENTAÇÕES E BATALHAS DE MEMÓRIA DAS TRAVESTIS NO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA - RJ (1978-1981)

RUBBI, Gustavo de Souza¹

Resumo:

Em 1978, a imprensa brasileira noticiava que os horizontes de expectativas se abriam para uma certa liberalização do contexto político nacional. Com os vislumbres de ventos favoráveis para uma certa abertura democrática, surge nesse contexto, o jornal Lampião da Esquina. A fim de contribuir com os estudos referentes à temática de gênero, o presente trabalho tem como objetivo analisar em quarenta e uma edições do jornal Lampião da Esquina -veiculadas no período compreendido entre 1978 e 1981- os discursos, imagéticos e textuais, que o periódico circulou acerca das travestis, buscando identificar as lutas de representações em torno da construção de suas identidades e subjetividades. Para isso, serão analisados os diálogos e embates do corpo editorial, buscando evidenciar as tensões presentes nas diferentes formas de representar as travestis e a maneira pela qual o jornal contribuiu para a reafirmação de antigos estereótipos e para a construção de novos, acerca das travestilidades. Serão utilizados o conceito de gênero de Dona Haraway, as categorias de táticas e estratégias formuladas por Michel de Certeau, os conceitos de práticas e representações de Chartier, bem como o conceito de memória de Michael Pollak. O procedimento de análise do jornal baseia-se em uma abordagem temática das publicações, na observação dos posicionamentos político-ideológicos e do projeto gráfico.

Palavras-chave: gênero, lampião da esquina, representação, travesti.

Brasil, 1978. Naquele ano os horizontes de expectativas se abriam para uma certa liberalização do contexto político nacional. A imprensa noticiava promessas de um Executivo menos rígido, da criação de novos partidos, de anistia e de possibilidades de abertura do discurso brasileiro. Com os vislumbres de ventos favoráveis para uma certa

¹ Mestrando na área de História, Cultura e Poder do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHI) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde desenvolve pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), sob orientação da Profa. Dra. Carla Miucci Ferraresi de Barros. E-mail: gustavorubbi@hotmail.com

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

abertura democrática, surge nesse contexto, o jornal *Lampião da Esquina* (1978, p. 2). Sediado no Rio de Janeiro, o periódico publicado dentro da chamada imprensa alternativa², tinha como projeto político desvincular a imagem dos homossexuais de preconceitos e preceitos negativos, bem como representar grupos de lésbicas, travestis e gays.

O *Lampião da Esquina*³ foi um jornal brasileiro produzido por homossexuais⁴ e circulou entre Rio de Janeiro e São Paulo, mas alcançou de certa forma todo o Brasil por meio de assinaturas individuais (CANABARRO; MEYRER, 2020 p. 3). A publicação durou três anos com tiragens mensais de doze a quinze mil exemplares, com aproximadamente vinte páginas por edição (SILVA, 1998, p. 92). Surgiu dentro de um contexto de abertura democrática e de um relativo abrandamento da censura, que anos antes havia sido promovida e intensificada pelo Golpe Civil Militar de 1964.⁵ Entre abril

² Imprensa alternativa ou também conhecida como imprensa *nanica* é entendida pelo autor Bernardo Kucinski como um veículo de informação que se contrapunha ao discurso da grande mídia e ao discurso oficial. O autor classifica duas grandes classes de jornais alternativos. A primeira de caráter político, com viés de valorização do nacional e do popular. A segunda classe possuía influências da contracultura norte americana, do orientalismo e do anarquismo. A imprensa alternativa no Brasil foi formada por inúmeros periódicos, entre eles pode ser citado: *Pasquim* (RJ), *Opinião* (RJ), *ChanaComChana* (SP), *Brasil Mulher* (SP), *Versus* (SP), etc. (KUCINSKI, 2001, p. 5).

³ O nome do jornal enunciava uma dupla metáfora. A primeira sugeria um *lampião* destinado a iluminação dos cruzamentos. A segunda remetia a figura de um *cangaceiro* típico símbolo de virilidade que se localizava na esquina, em um desvio da rota recomendada pela moralidade dominante, mas que não abdicava de sua conhecida masculinidade (BANDEIRA, 2006, p. 36).

⁴ Na edição de número zero é apresentado os “senhores do conselho”. São eles: Adão Costa (jornalista); Aguinaldo Silva (jornalista e escritor); Antônio Chrysóstomo (jornalista e crítico musical); Clóvis Marques (jornalista e crítico de cinema); Darcy Penteado (artista plástico e escritor); Francisco Bittencourt (poeta, crítico de arte e jornalista); Gasparino Damata (jornalista e escritor); Jean Claude Bernardet (crítico de cinema, um dos teóricos do Cinema Novo); João Antônio Mascarenhas (advogado, jornalista e tradutor); João Silvério Trevisan (cineasta e escritor); Peter Fry (antropólogo). Ver mais em: (SENHORES DO CONSELHO, 1978, p. 2).

⁵ Carlos Fico expõe que não se pode pensar em um sistema de censura estabelecido somente durante o regime militar, visto que ela nunca deixou de existir no Brasil. Na ditadura militar, a censura foi readequada e se apoiando em legislações já existentes passou a ser regulamentada por instrumentos como a lei de imprensa, classificação etária e proibições de atentados contra a moral e os bons costumes. O autor ressalta que desde os primeiros momentos de instauração da ditadura militar, a imprensa, as atividades artísticas e culturais foram reguladas pelo governo. Entretanto, foi a partir do ato institucional número cinco que se permitiu a realização de uma atividade censória sistematizada por parte dos governos militares (FICO, 2009, p. 169-205).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

de 1978 e julho de 1981 foram publicadas trinta e oito edições regulares e três edições extras, das quais cerca de vinte e oito edições destacavam por meio de reportagens, artigos de opinião, entrevistas e cartas de leitores, a temática de gênero das travestis. Além de construir uma certa narrativa sobre a situação social e política de grupos tidos como desviantes, o *Lampião da Esquina* selecionava “temas e assuntos que orientavam e de certa forma fundamentavam a constituição e fortalecimento de identidades” (RODRIGUES, 2015, p. 92). Nota-se, portanto, um certo interesse por parte do conselho editorial em classificar, representar e definir as práticas e experiências que envolviam as subjetivações dessas identidades. Nesse sentido, este estudo objetiva compreender as elaborações referentes as identidades travestis⁶ veiculadas pelo jornal, entre os anos 1978 e 1981, analisando as diversas lutas de representações e batalhas na construção de memórias presentes nas páginas do periódico.

Apesar de não ser o primeiro nem o único jornal brasileiro destinado ao público homossexual, o *Lampião da Esquina*⁷ apresenta-se como importante fonte de análise, pois alcançou um grande número de pessoas e teve grande repercussão e periodicidade bastante regular.⁸ Situado no contexto político-ideológico da organização de grupos de gays e lésbicas e do surgimento e consolidação do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), os escritos do periódico, em certa medida, colaboraram para a construção do imaginário de luta desses grupos em contexto de perseguição.⁹ Essa postura do periódico,

⁶ A categoria travesti é entendida neste texto, por meio de sistemas de autoidentificação. Ela constitui-se em formas de saída dos labirintos e fuga dos dualismos por meio dos quais sexo/gênero são explicados (HARAWAY, 2009, p. 99). Não foi sem razões, que ao longo dos séculos os significados acrescidos a sexo foram progressivamente se misturando ao gênero, resultando em concepções que acomodam e enrijecem as identidades (HARAWAY, 2016, p. 221).

⁷ O *Jornal Snob*, criado no início dos anos 1960 por Agildo Guimaraes é posto por Jorge Luís Pinto Rodrigues como possivelmente o primeiro jornal homossexual e de vida mais longa no Brasil. Ver mais em: (RODRIGUES, 2007, p.56).

⁸ Conforme informações disponíveis nas edições do *Lampião da Esquina*, o jornal era distribuído no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Londrina, Florianópolis, Jundiaí, Campos, Belo Horizonte, Divinópolis, Juiz de Fora, Vitória, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa e Campina Grande (LAMPILÃO DA ESQUINA, 1980, p. 02).

⁹ O *Lampião da Esquina* surge em um contexto no qual os assuntos relacionados a gênero, sexo e comportamento já estavam sendo discutidos e debatidos no cenário brasileiro. Artistas como Caetano

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

de se opor ao regime, ocasionou em perseguições aos editores e diversos ataques e atentados a várias bancas de jornais que vendiam o jornal (COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, p. 306). Entretanto, articulado a um projeto político de afirmação da homossexualidade como uma identidade não desviante, parte do corpo editorial assumiu a postura de elaborar a figura de um “*guei masculinizado*” (BANDEIRA, 2006) que acabava reforçando estereótipos e preconceitos relacionados às pessoas *trans* e travestis. Diante disso, o jornal Lampião da Esquina é entendido neste estudo a partir de uma perspectiva crítica sobre a imprensa, como espaço de interesses, de articulações de diferentes forças sociais e de intervenção na vida social (BARATA ZICMAN, 2012). Assim, a imprensa é entendida aqui “não como um espelho ou expressão das realidades passadas e presentes, mas como uma prática constituinte da realidade social” (CRUZ; PEIXOTO, 2009, p.258).

A ideia de “*guei masculinizado*” fazia parte do projeto político do Lampião da Esquina que pretendia mostrar a homossexualidade segundo novas perspectivas, assumindo o lugar de homossexual sem que fosse necessário deixar de performar o papel de “masculinidade viril” (BANDEIRA, 2006, p. 37). No editorial da edição de número zero, parte do conselho editorial ao apontar para os objetivos do projeto político do Lampião da Esquina, demarca os motivos da existência de um jornal homossexual:

Nossa resposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, [...], que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter [...]. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados [...] (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 2).

Veloso e Gilberto Gil provocavam em suas apresentações discussões sobre androgenia. A banda de rock Secos & Molhados causava grande impacto e muita curiosidade devido a aparência dos integrantes. E o grupo Dzi Croquettes, realizavam espetáculos que misturavam teatro e dança, no qual rompiam com as fronteiras entre masculino e feminino (RODRIGUES, 2015, p. 87).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Uma das razões de criação de um jornal homossexual, como se percebe no trecho acima, era desvincular os homossexuais da “imagem-padrão”, isto é, a imagem de um homossexual que tem como principal característica a performatividade feminina.¹⁰ Com isso, apesar da afirmação dos editores de que pretendiam “ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados”, a ideia de “sair do gueto” representava a negação de que homossexuais eram pessoas nas quais “seu sexo não é aquele que ele desejaria ter”. Dolores Rodrigues, que atuou como revisora do periódico a partir da edição vinte e sete até a edição de número trinta e um, destaca em entrevista, que mesmo o jornal buscando representar todas as minorias “não conseguiu conciliar isso, ele se tornou um jornal voltado só ao homossexual, masculino e acho que branco. [...]” (SILVA, 1998, p. 46). Portanto, procurando fugir das representações cristalizadas a respeito do homossexual enquanto um ser afeminado, o jornal pretendia desvincular o gay de identidades femininas e assumir a masculinidade como uma característica marcante da homossexualidade.

O Lâmpião da Esquina, estava inserido em um contexto no qual “as forças de repressão viam a homossexualidade como parte relevante de uma conspiração comunista mais geral de subverter o Brasil” (COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, p.303) e apesar de um relativo avanço nas discussões referentes às sexualidades, a discriminação a homossexuais, travestis e transexuais estava presente em diversas “esferas e manifestações da cultura em nosso país: nos discursos médico-legais [...]; nos discursos religiosos[...]; em visões criminológicas conservadoras[...]; e em valores tradicionais” (COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, p.300). Entre 1964 a 1988 vigorava uma política sexual que classificava questões comportamentais, homossexuais e

¹⁰ Como argumentado por Judith Butler, a performatividade propõe pensar a constituição do gênero como atos, gestos e atuações que são “[...] performativos, no sentido de que a essência ou identidade são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (BUTLER, 2003, p. 185-201). A performatividade é compreendida “[...] não como um “ato” singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia.” (BUTLER, 2001, p. 111). Portanto, o conceito é entendido neste estudo, como um processo contínuo e incessante de produção e afirmação de práticas e formas de agir.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

travestilidades “como temas e práticas ameaçadores não apenas contra a estabilidade política e a segurança nacional, mas também contra a ordem sexual, a família tradicional e os valores éticos que, supostamente, integravam a sociedade brasileira” (QUINALHA, 2017, p.13). Dessa forma, o projeto político do periódico é entendido como uma estratégia calculada (CERTEAU, 2007) que visava desvincular, em determinados momentos, a imagem do homossexual de performatividades femininas, como por exemplo, as performatividades travestis.¹¹

A estratégia do jornal pretendia, em certo ponto, afirmar que a homossexualidade não representava uma prática de subversão política e sexual, no interior de uma sociedade cis-heteronormativa, mas era um fator “natural” e “neutro” politicamente. Buscando desconstruir a ideologia propagada pelo regime militar, de que a homossexualidade estava associada “a um submundo de degenerados “pederastas”, alcoólatras e prostitutas” (COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, p.302), o *Lampião da Esquina*, em certos momentos, tentou caracterizar as práticas travestis:

Qual então o saldo que nessa sociedade futura irá satisfazer sexualmente o macho tradicionalista? Ora! Não se mostrem cegos e ignorantes perante o óbvio: é claro que o travesti! Porque este [...] não reivindica mais que isto: ser mulher-objeto. (PENTEADO, 1980, p. 3).

No trecho extraído da edição de número vinte e três, Darcy Penteado buscou delimitar e definir quais seriam as funções sociais das práticas travestis e de que forma elas contribuiriam para a constituição de uma sociedade futura, na qual, “a mulher-objeto (forma humana receptadora do falo e do esperma[...]), será substituída pela mulher conscientizada do seu prazer do uso do próprio corpo” (1980, p. 3). Entendendo que as práticas carregam em si modos de agir repletos de intencionalidade e que correspondem a interesses específicos (CHARTIER, 1991, p.183) percebe-se, pela análise do

¹¹ No que diz respeito à categoria estratégia, Certeau a define como ações dos indivíduos que – em um mundo gerido por poderes visíveis e invisíveis de um Outro – buscam efetivar suas vontades e poderes próprios (CERTEAU, 2007, p. 99).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

fragmento, que o periódico acabava por relacionar a prostituição como fator característico das práticas travestis e não dos homossexuais.¹²

A intenção dos editores em representar a homossexualidade a partir de novas perspectivas, resulta em batalhas com outras identidades que não se vêem representadas na imagem de *homossexual masculinizado*. Nesse sentido, o periódico transforma-se em espaço de “conflitos e competições entre memórias concorrentes” (POLLAK, 1989, p. 4). Esses conflitos e disputas por representações tornam-se aparentes, quando travestis e *trans* se posicionam e reivindicam espaço no projeto político do periódico. Portanto, a representação é entendida neste estudo, como um instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constrói significados sobre o mundo social e a análise das lutas de representações torna-se importante para compreensão dos mecanismos pelos quais um grupo impõe a sua concepção de mundo, seus valores e seu domínio (CHARTIER, 1991).

Na seção Cartas na Mesa¹³, dedicada ao envio de sugestões e comentário de leitores ao jornal, nota-se críticas sobre a posição dos editores diante das representações travestis:

[...] eu gostaria de pedir que se vocês não puderem dar as mãos aos travestis pelo menos, façam silêncio em relação a nós e não façam comentários do tipo: “O interessante desta festa do Mís Gay é que os rapazes estavam numa boa, não usavam silicone e pelo que parece não sonham em virar mulher” [...] A outra frase: “é bom lembrar que todos saíram do clube sem querer ser travesti” [...] (AZEVEDO, 1979, p. 19).

Verifica-se, que a carta escrita pela travesti Bamby de Azevedo tensiona as representações construídas pelos editores do periódico acerca de seu corpo, identidade e

¹² Chartier define o conceito de práticas como modos de agir carregados de intencionalidade e que correspondem a interesses específicos (CHARTIER, 1991).

¹³ Além dessa seção o jornal era dividido também em: Opinião (o equivalente ao editorial); Ensaio (aprece duas vezes ao longo do período de circulação); Esquina (seção destinada a artigos e notas); Reportagem; Literatura (duas vezes); Tendências (seção de exposições culturais que se dividem em livros, exposições e peça) e a partir da edição de número cinco é publicado uma nova seção, Bixordia de fofocas em geral (RODRIGUES, 2007, p. 70).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

subjetividade.¹⁴ Entendendo a representação como um processo de significação intencional, carregado de interesses e que correspondem a uma determinada estratégia de um agente ou grupo (CHARTIER, 1991, p. 177) nota-se que em determinados momentos, parte do conselho editorial, na tentativa de afirmação da homossexualidade, relega a dissidência a outras identidades. As críticas de leitores a respeito do posicionamento do periódico diante das práticas travestis aparecem também, na carta escrita pelo leitor Jairo Ramos: “Sempre o lampião escreve mal sobre os travestis brasileiros; que tem plástica ou são cheios de silicone etc. Não vêm o lado artístico deles [...]” (RAMOS, 1979, p. 19). O conflito travado entre as identidades representadas no jornal, demonstra que apesar do conselho editorial buscar uma unificação em torno da identidade gay, suas publicações ressaltavam as diferenças culturais, regionais, de sexualidade e de gênero que apontam para múltiplos caminhos e possibilidades.

As representações acerca das travestilidades também foram motivos de disputas internas entre os membros que compunham o jornal. Luiz Carlos Lacerda¹⁵, um dos colaboradores do periódico, resalta em depoimento oral cedido a Claudio Roberto Silva (1998, p. 36-37) que publicava artigos no periódico por visualizar o Lampião da Esquina como defensor de uma proposta libertária. Entretanto, aponta para conflitos internos que foram gerados a partir da publicação de seu artigo intitulado “vítimas da falta de espaço”, na edição trinta e dois (LACERDA, 1981, p.4):

[...] Escrevi um artigo onde colocava que o travesti é a personificação do preconceito da sociedade heterossexual com a homossexualidade. Para explicar melhor, ele se encerra no seu próprio comportamento sexual, a ponto de chegar à mutilação (SILVA, 1998, p. 36).

¹⁴ Em consonância com os autores que trabalham com a temática das travestilidades (CANABARRO, 2020; BENEDETTI, 2005; DUQUE, 2011; PELÚCIO, 2007, entre outros) utiliza-se artigos e pronomes feminino para se referir às travestis. Apenas será utilizado pronomes e artigos masculinos em trechos e fragmentos extraídos do próprio Lampião da Esquina, buscando assim, respeitar o contexto em que a fonte estava inserida e os posicionamentos vinculados (CANABARRO; MEYRER, 2020, p. 8).

¹⁵ Nasceu no Rio de Janeiro (capital), em 15 de julho de 1945. Escritor, roteirista e diretor de cinema. Autodidata. Dirigiu entre outros: Mãos Vazias, 1972; O Princípio do Prazer, 1979; Leila Diniz, 1987; For All: O trampolim da vitória, 1997. (SILVA, 1998, p. 594).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

O conflito se estabelece, quando Darcy Penteadado, em artigos escritos e publicados nas edições vinte e dois e vinte e três se contrapõe a Lacerda, declarando “a inexistência da bissexualidade e a existência do homossexual mal resolvido” (PENTEADO, 1980, p. 03). Lacerda, ao escrever um segundo artigo em resposta a Penteadado, tem sua replica proibida de ser publicada pelo editor Aguinaldo Silva. Para Luiz Lacerda, o posicionamento do editor foi descrito como:

[...] eles fizeram uma reunião, e o Aguinaldo disse que não poderia sair porque o jornal também era endereçado aos travestis. Disse que o pessoal em São Paulo tinha ficado muito puto e que meu artigo não iria sair de jeito nenhum. Exatamente como a censura da ditadura, a censura heterossexual que tanto combatiam. A partir dessa recusa eu me nego a colaborar com um jornal que tem um discurso libertário, mas que cerceia a liberdade de expressão. Por causa disso me afastei, nunca mais colaborei (SILVA, 1998, p. 37).

Esse conflito se faz visível na própria edição trinta e dois, na qual desaparece todo o conselho editorial, ficando apenas o nome de Aguinaldo Silva, como coordenador da edição.

Se em determinados momentos o periódico ansiava desvincular a imagem dos homossexuais das performatividades travestis, em outros, buscava uma aproximação com o objetivo de fortalecer o movimento homossexual. A principal tática¹⁶ (CERTEAU, 2007) adotada pelos editores durante os percalços que marcavam a tentativa de fortalecimento do movimento homossexual, era a de unificação das identidades em torno das pautas desse grupo. Na edição de número quatro, João Antônio Mascarenhas elenca os motivos pelos quais o jornal não pode ser acusado de desprezar as travestis: “não devemos dividir os homossexuais, a fim de não os enfraquecer [...] as minorias oprimidas relevem eventuais divergências para empenharem-se [...] na luta contra a desinformação” (1978, p. 9). Essa postura do periódico revela a posição ambígua frente a figura das travestis. Demonstra também as intenções de, em determinados momentos,

¹⁶ Para o autor, tática é a ação construída dentro de um campo já estabelecido e consiste em “aproveitar as ocasiões, sem base para estocar benefícios [...] ou prever saídas” (CERTEAU, 2007, p.100).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

desassociar as identidades travestis e gays e de, em outros, criar uma associação ao ponto do apagamento das práticas travestis.

As representações realizadas pelo Lampião da Esquina a respeito das identidades travestis passam por flutuações ao decorrer das edições. Em determinados momentos, o periódico cede espaço em entrevistas e reportagens para que as travestis apresentem suas experiências e horizontes de expectativas (KOSELLECK, 2006).¹⁷ Na edição de número sete, Mônica Valéria, travesti nascida na cidade de Carangola Minas Gerais, concede entrevista ao redator Antônio Chrysóstomo. O depoimento tem como foco questões relacionadas à prática da prostituição, violência cotidiana e trajetória de vida. Em trechos da reportagem, Mônica relata as agressões cometidas por policiais: “A polícia sempre deu em cima. Prendem a gente à toa [...] eles põem a gente no camburão e falam [...] que a gente é vagamunda [...]” (VALÉRIA, 1979, p. 10).

Na edição dezenove, a temática de perseguição às travestis é mais uma vez abordada em entrevista com as travestis Flávia e Tatiana e a advogada criminalista Alice Soares. Soares destaca que geralmente a polícia “tem uma implicância” maior com as travestis (1979, p.12). Já Flávia, buscando construir ações dentro do campo de poder estabelecido (CERTEAU, 2007, p.100), desenvolveu a tática de quando sair “de casa em pleno dia, pegar uma sacola para dar uma disfarçada, senão eles levam. Finjo que vou fazer compras” (1979, p.12). A partir dos trechos selecionados, observa-se que o Lampião da Esquina atuava como espaço de denúncia aos abusos e perseguições cometidos pelo regime militar, frente a presença das travestis.

Muitas das publicações que compuseram as representações travestis estavam voltadas para uma tentativa de definir as práticas das travestilidades (PELUCIO, 200).

¹⁷ No que diz respeito à categoria de horizonte de expectativa, o autor a entende como um espaço voltado para o ainda não experimentado, para o que apenas pode ser previsto e ansiado (KOSELLECK, 2006, p. 309).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Darcy Penteado, um dos membros do conselho editorial¹⁸, em um ensaio publicado na edição vinte e dois aponta que:

Hoje, travesti ficou sendo aquele (ou aquela bem mais raramente) que use roupas do sexo oposto e que elabore o próprio corpo com atitudes, posturas, maquiagem, hormônios e cirurgias plásticas a fim de assemelhar-se ao sexo imitado - o que ironicamente, no caso atual de certos travestis masculinos, supera em feminilidade o modelo adotado. (PENTEADO, 1980, p. 12)

Como destacado no fragmento acima, as tentativas de definições das práticas travestis tinham por objetivo classificar e enquadrar identidades que não se viam em oposições binárias e universalizantes. Na tentativa de instrumentalizar as identidades travestis e lhes determinar funções, o periódico recorre a estereótipos e a fatores simplistas de classificações dos sistemas sexo/gênero, resultando assim, em replicações dos valores e padrões da lógica binária. Nesse sentido, é preciso pensar o *Lampião da Esquina* inserido no contexto de governos militares e apesar de toda a revolução que o jornal gerou, em determinados momentos, reproduzia a ideologia do tempo em que estava inserido. Uma ideologia que ainda negava determinadas práticas sexuais e reprimia certas identidades.

Diante do apresentado, nota-se que ao buscar entender por meio das publicações do *Lampião da Esquina* os embates entre a posição dos editores e as reivindicações constantes das travestis nas páginas do periódico, essa pesquisa torna-se relevante para a compreensão das representações acerca das identidades e práticas das *travestilidades*¹⁹ e para o entendimento das lutas de representações e batalhas da memória na construção e consolidação das identidades desviantes.

¹⁸ Existiam dois grandes núcleos de editores que comandavam o *Lampião da Esquina* – o núcleo do Rio de Janeiro administrado principalmente por Aguinaldo Silva e o núcleo de São Paulo, comando principalmente por Darcy Penteado e Silvério Trevisan. Ao longo das publicações é possível observar os conflitos existentes entre os membros do corpo editorial. De um lado Trevisan, com influências do movimento gay de San Francisco e que direcionava o jornal para um aspecto intelectual. De outro lado, (RODRIGUES, 2015, p. 101).

¹⁹ Conceito utilizado para se referir a multiplicidade de processos identitários pelos quais as travestis passam para se construir enquanto femininas. Indica também, a complexidade das experiências relacionadas à construção e desconstrução do gênero e corpo travesti (PELÚCIO, 2007).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Dessa forma, analisar as lutas de representações e disputas pela construção de uma memória presentes nos discursos do periódico é importante para entender os processos de afirmação e representação das identidades travestis. Por fim, a pesquisa mais ampla à qual este texto se refere, busca contribuir com as análises do *Lampião da Esquina* como instrumento de luta política das identidades tidas como desviantes. Para além disso, mostra-se importante por questionar as representações elaboradas pelo projeto político do periódico, demonstrando como as representações das práticas travestis tensionaram as construções acerca de seus corpos, identidades e subjetividades. Destacando, portanto, as tentativas do corpo editorial de construir uma identidade homogênea e hegemônica do que seria o homossexual aceitável no interior de uma sociedade cis-heteronormativa e ao mesmo tempo a fixação fora desse modelo, de outras identidades, como por exemplo, as travestis e suas práticas.

Referências

AZEVEDO, Bamby. Travesti protesta. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, p. 19, novembro, 1979.

BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?** Sobre quando *Lampião da Esquina* colocou as Cartas na Mesa. 2006. 129f. Dissertação (Mestrado em História), PUC, São Paulo, 2006. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12924>>. Acesso em: 14 abr.2021.

BARATA ZICMAN, Renée. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 4, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12410>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUTLER, Judith. Inscrições corporais, subversões performativas. In: BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 185-201.

BUTLER, Judith. Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do sexo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 111.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

CANABARRO, Ronaldo Pires; MEYRER, Marlise Regina. Travesti: textos-vestígios na construção de uma identidade-Jornal Lampião da Esquina (1978-1981). **Revista Tempo E Argumento**, v. 12, n. 29, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.23871/dimensoes-n38-16813>>. Acesso em: 24 out. 2020.

CERTEAU, Michel. Estratégias e táticas. In: **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 97-102.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 35, p.253-270, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/2221>>. Acesso em: 9 abril 2021.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Textos temáticos, Ditadura e homossexualidades**. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/Volume 2 - Texto 7.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens**: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. **O Brasil republicano**. vol. 4, 3ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 169-205.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 22, p. 201-246, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644638>. Acesso em: 14 dez. 2021.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: **Futuro Passado**: contribuição a semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

LAMPIÃO. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 31, p. 2, dezembro, 1980.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

LACERDA, Luiz Carlos. **Vítimas da falta de espaço**. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n 32, p. 4, janeiro de 1981.

MASCARENHAS, João Antônio. **Sobre tigres de papel**. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 9, 25 de agosto a 25 de setembro, 1978.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. 313f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). São Carlos, 2007. Disponível em: < <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1399?show=full>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

PENTEADO, Darcy. **O travesti, esse desconhecido**. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 23, p. 3, abril, 1980.

PENTEADO, Darcy. **O travesti, esse desconhecido**. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 22, p. 12, março, 1980.

QUINALHA, Renan Honorio. **Contra a moral e os bons costumes**: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, USP, São Paulo, 2017, p.31. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-20062017-182552/pt-br.php>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

RAMOS, Jairo. **Sobre os travestis**. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 19, julho, 1979.

RODRIGUES, Jorge Caê. Um Lampião iluminando esquinas escuras da Ditadura. In: GREEN, James N; QUINHALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos -SP: EdUFScar, 2015, p.83-123.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo**: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena.2012. 373 f. Tese (Doutorado em História Social), UFF, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/283>>. Acesso em: 24 nov.2020.

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. **Impressões de identidade**: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

SAINDO do Gueto. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, edição experimental, número 0, p. 2, abril, 1978.

SEHORES DO CONSELHO. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, edição experimental, n. 0, p.2, abril, 1978.

SOARES, Alice. **Dois travestis, uma advogada**: três depoimentos vivos sobre o sufoco. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 19, p.12, dezembro, 1979.

SILVA, Claudio Roberto. **Reinventando o sonho**: História Oral de Vida Política e Homossexualidade no Brasil Contemporâneo. 1998. 674 f. Dissertação (Mestrado em

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

História Social) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

VALÉRIA, Mônica. **Dois travestis, uma advogada**: três depoimentos vivos sobre o sufoco. Lâmpião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 19, p.10, dezembro, 1979.